

VISÃO DO CORREIO

Ataque às universidades é atraso para o país

A reposição dos recursos financeiros para universidades e institutos federais de ensino superior, anunciada anteontem pelo ministro da Educação, Camilo Santana, soou como um alívio para os reitores. Voltam aos caixas das instituições R\$ 400 milhões, e elas estarão isentas do congelamento de R\$ 31,3 bilhões para gastos públicos anunciado na semana passada pelo Ministério da Fazenda.

Mas as adversidades não estão restritas aos parques investimentos que, tradicionalmente, deixam as universidades em apuros, e projetos e pesquisas comprometidos. A violência infiltrada nos ambientes do conhecimento tornou-se, igualmente, grave para os gestores e para os estudantes, alvos de grupos organizados contrários à democratização e à universalização do ensino em todos os níveis, abrangendo a diversidade de raça/cor, gêneros e condições socioeconômicas.

São recorrentes os episódios de ataques in loco e nas redes sociais, a ponto de a prática ter virado nicho de ditos influenciadores. A Universidade Federal do Ceará (UFC), em abril último, teve arrombadas as portas da biblioteca e do laboratório do Departamento de Ciências. Os invasores derrubaram estantes que abrigavam mais de 2 mil livros, quebraram vidros e cadeiras, segundo reportagem do *Jornal da Unicamp*. A própria instituição de Campinas sofreu dois ataques em março, de caráter racista. Os manifestantes deixaram mensagens como “Unicamp destruída” e “Estamos limpando a Unicamp”, ao lado de símbolos nazistas.

A Universidade de Brasília (UnB) também tem sido palco de atos de violência promovidos por grupos antidemocráticos, que se insurgem contra as

políticas de ensino sem restrições. A violência inspira muitas leituras. Entre elas, está a do cientista político, professor da UnB e escritor Luís Felipe Miguel, que busca, em pesquisa, compreender as raízes do “ódio ao conhecimento”. Segundo ele, o processo de democratização das universidades pode ter impulsionado esse movimento. A classe média perdeu o domínio de um espaço exclusivo — antes destinado para seus filhos e hoje ocupado por jovens de diversas camadas sociais — e, com isso, passou a questionar o papel das instituições públicas de ensino superior.

A polarização política dos últimos anos, que dividiu a sociedade brasileira, também está ligada a essas agressões. Pelas possibilidades citadas, mas também por dialogar com um retorno ao passado, quando a educação não era um direito de descendentes dos negros escravizados. Assim, torna-se cada vez mais importante garantir um forte aparato de proteção às universidades e institutos de ensino superior, mas também debater os temas que incitem grupos desorientados, ou conduzidos por inverdades, a conhecer a verdadeira história e o real papel dessas instituições.

A pacificação é essencial, ainda, para proteger o Brasil de um cenário de estagnação social e econômica. Torna-se quase impossível a qualquer país ganhar notabilidade no cenário internacional sem valorizar e financiar as universidades. São elas que interagem e trocam conhecimentos com as suas iguais ao redor do mundo, propiciando soluções tecnológicas, medicamentos, protocolos avançados e tantas outras descobertas voltadas à qualidade de vida e ao progresso de uma nação.



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Em nome de Rhuan

Chegamos a mais um fim de maio, e estou eu de novo aqui para falar de Rhuan Maycon, como fiz nos últimos seis anos. O profundo sofrimento que marcou a curta vida desse garotinho e sua morte atroz não podem cair no esquecimento. Ele merece que lembremos que esteve por aqui, que deveria ter tido uma vida plena e feliz, mas que não o deixaram passar dos 9 anos.

Esse foi um dos crimes mais abomináveis da história deste país. Rhuan foi esfaqueado até a morte na noite de 31 de maio de 2019, em Samambaia — o primeiro golpe, desferido enquanto dormia. A mãe e a comparsa dela o degolaram ainda vivo e esquartejaram o corpo. Segundo a investigação, foram motivadas por fanatismo religioso e um profundo ódio contra a criança, "pois representava o passado afetivo da mãe e era considerada um 'peso' na vida homoafetiva das envolvidas", de acordo com a conclusão da PCDF à época.

As apurações mostraram, também, que o assassinato foi a covardia final contra Rhuan. Por anos, os dois seres sórdidos transformaram a vida do menino num martírio, com rotina de torturas físicas e psicológicas. Além disso, ele não podia brincar nem ir à escola. E um ano antes do homicídio, o menino teve o pênis decepado, numa "cirurgia caseira". Por complicações da

mutilação, sentia dores lancinantes ao urinar. Apenas uma criança, submetida a tamanho suplício.

Relembrar tudo isso traz uma gama de emoções. Uma revolta extrema, um sentimento de impotência, mas, principalmente, uma tristeza que ainda sufoca, só de tentar imaginar o que Rhuan passou. A rotina de dor e medo, passada em silêncio, sem ter a quem recorrer, a quem pedir socorro.

A brutalidade contra Rhuan causou comoção no país, sim, porém não fez o Brasil evoluir na proteção de meninos e meninas. Como não foi capaz nenhuma outra das múltiplas perversidades diárias contra esse público. Seguimos a ignorar, acintosamente, a determinação da Constituição de que crianças, adolescentes e jovens devem ter seus direitos garantidos com "absoluta prioridade". Devem ser colocados "a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

Para Rhuan, o socorro não chegou, mas pode chegar para tantas vítimas que padecem, cotidianamente, todo tipo de violência. Vulneráveis, elas dependem do Estado, da sociedade, de cada um de nós. Se acabarmos com a persistente inércia criminoso, vamos ter um Brasil seguro para crianças e adolescentes, e não o país cruel e negligente que vemos desde sempre.



» Sr. Redator

- » Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
- » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Marina Silva 1

As atitudes dos senadores na Comissão de Infraestrutura do Senado Federal foram desrespeitosas com a ministra Marina Silva. Principalmente por parte do presidente da comissão, o senador Marcos Rogério, do PL. Foram tão constrangedoras que a ministra sentiu-se obrigada a abandonar a audiência. São rotineiras essas atitudes dos parlamentares bolsonaristas. Desde a gestão do ex-presidente, eles e o próprio Bolsonaro têm por hábito não respeitarem as mulheres. E o que é pior: continuam desrespeitando até mesmo nos momentos das suas atividades profissionais.

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

Marina Silva 2

Marina Silva comenta ataques que sofreu no Senado e diz que “não pode aceitar ser agredida a se calar”. Ficou evidente que a ética daqueles homens que agrediram a ministra do Meio Ambiente e ex-senadora está muito abaixo da dignidade dela. Marina assumiu um ministério depauperado, enquanto o Congresso retém os recursos do Orçamento, e apresenta resultados desse trabalho.

» **Monica Virgolino Lopes**
Rio de Janeiro

Redes sociais

Quanto mais lemos os comentários postados nas redes sociais, como Instagram, Facebook, X (antigo Twitter), constatamos que os brasileiros não tiveram nenhuma educação política. A maioria, formada por machistas, conservadores e sem muito saber, publicam comentários incríveis, que denunciam o seu desconhecimento da história política do Brasil.

» **Joaquim Gomes Silveira**
Taguatinga

Violência nas escolas 1

Do jeito que as coisas estão, já passou da hora de termos polícia dentro das escolas, para garantir a segurança dos alunos e dos profissionais da educação. A cada dia, enfrentamos novos episódios de violência, com ataques de alunos e situações de risco. Não dá mais para trabalhar e estudar sem segurança. Precisamos de proteção, respeito e medidas urgentes!

» **Ana Cláudia Fernandes**
Brasília

Violência nas escolas 2

Parem de criticar os pais pelos episódios de violência de alunos nas escolas. Observem que não há escolas em tempo integral, não há equipamento de esporte e cultura nos bairros. Pai e mãe precisam trabalhar. É fácil culpar a família e a escola por um fracasso de quem está no poder e não se preocupa com a infância e a juventude.

» **Rosilene Costa**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

As hienas atacam em grupo. Sozinhas, são inofensivas, escolhem animais debilitados ou fracos. Nunca atacam um animal forte, jamais agem sozinhas. Qualquer coincidência com a Comissão de Infraestrutura do Senado é uma mera semelhança.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Parafraseando o grande Caymmi: Marina, ministra Marina, você deu um show, ouviu absurdos e ataques e não se calou.

Mauricio "Pepeu" Sampaio — Noroeste

Simplesmente repugnante a atuação do senador Marcos Rogério contra a ministra Marina Silva. Misógino, prepotente e arrogante, uma vergonha para o Senado Federal.

Paulo Molina Prates — Asa Norte

Tem deputado federal que largou o mandato para fazer coro às redes sociais lá nos Estados Unidos. Agora, se isso está causando uma perseguição aos membros do nosso STF, no mínimo deveria perder o mandato e os direitos políticos!

Washington Luiz S Costa — Samambaia

Mentira deslavada

Recentemente, o presidente Lula declarou em público que o trabalhador brasileiro e os aposentados terão, ainda no seu atual mandato, todos os exames e atendimentos na rede pública de saúde que ele, como presidente, tem. Ele sabe que está agindo de má-fé ao dizer isso, pois nunca entrou numa fila em hospital público, já que é atendido nos mais caros particulares, tudo pago, isso sim, por nós, trabalhadores e aposentados. Senão, eis os tempos de espera que eu já somo, no sistema público de saúde, em diversas especialidades médicas: oftalmologia (oito anos), exame de ultrassom (12 anos), reumatologia (quatro anos), cirurgia geral (dois anos). Na emergência, após acidente de trânsito, a previsão foi de dois meses. Ele que entre na fila de atendimento e faça triagem médica no Hospital de Base de Brasília para sentir na pele a realidade e não ficar alardeando mentiras e bravatas, ou que pague do seu bolso os caríssimos preços dos hospitais particulares.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS * SEG a DOM
Localidade	SEG/SÁB	DOM	
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)98158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1106; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br